MEMÓRIA, HISTÓRIA E MANIPULAÇÃO MIDIÁTICA[1]

Cicero Anderson de Almeida Bezerra[2]

Resumo

A memória é fruto de um processo de construção social, e tem sido objeto de disputa ao longo do tempo, sendo utilizada como um instrumento de poder por parte de determinados grupos, que se apropriam de narrativas e discursos e recriam versões históricas, na constante tentativa de imposição das suas visões de mundo. Ela é sempre uma representação simbólica, carregada de aspectos temporais e percepções individuais e/ou coletivas, cujas nuances se explicitam através da oralidade ou da escrita, de modo que cada sociedade, em seu respectivo momento, se utiliza das tecnologias disponíveis em sua época para compartilhar essas memórias. No século XXI, com o advento da internet, as mídias sociais passaram a utilizar e a imagem cada vez com mais interesses. Na frenética disputa por mentes e corações, a mídia tem demonstrado o seu grande poder de influenciar nas memórias sobre os acontecimentos históricos, na elaboração/re-elaboração, construção/desconstrução de processos sociais, políticos e culturais em cada país, impactando e determinando comportamentos, discursos e posturas em escala global e interferindo nas decisões do cotidiano, desde as mais simples, até as mais importantes, como nas eleições para a escolha dos chefes de Estado, por exemplo.

[1]Texto originalmente apresentado no 30º Simpósio Nacional de História, ANPUH – Brasil, ocorrido em Recife - PE, de 02 a 06 de novembro de 2018.

[2]Professor da rede pública municipal de Várzea Alegre – CE. Universidade Regional do Cariri (URCA)

PALAVRAS-CHAVE
Memória; História; Mídia; Manipulação.

Abstract

The memory is the result of a process of social construction, and has been the object of dispute over time, being used as an instrument of power on the part of certain groups, who have appropriated of narratives and discourses and recreate historical versions, in the constant attempt to impose their views of the world. It is always a symbolic representation, loaded with temporal aspects and individual perceptions and/or collective, whose nuances that explain through orality and writing, so that each society, in its time, if use of the technologies available in his time to share those memories. In the 21st century, with the advent of the internet, social media began to use and the image each time with more interest. In the frantic struggle for hearts and minds, the media has shown his great power to influence in the memories about the historical events, in the elaboration/reworking, construction/deconstruction of social processes, political and cultural rights in each country, impacting and determining behavior, speeches and postures on a global scale and interfering in the decisions of daily life, from the simplest to the most important as elaborated in the elections for the choice of heads of state, for example.

Key words
Memory; History; Media; Handling.

Introdução

Este trabalho busca examinar a relação entre memória e história, numa tentativa de problematizar os conceitos de memória individual e coletiva, estabelecendo uma conexão entre memória, história e o papel da mídia na construção/desconstrução do fato histórico e os seus impactos no ensino de história nos dias atuais. Trata-se de uma reflexão sobre a importância da memória para a história enquanto ciência e pretende pensar questões do presente.

A memória sempre esteve associada à retenção de informações do passado que poderiam ser ativadas quando necessárias. Tudo aquilo que foi vivido por alguém ou determinado grupo em algum lugar e tempo, que teve um significado

para quem viveu, ficaria arquivado na memória individual e/ou coletiva ou seria excluído dela. LOPES (1988) afirma que "O sentido original de memória seria a capacidade humana de reter no cérebro as impressões das experiências vividas".

Mas, a memória seria somente isso, a capacidade de armazenar lembranças? Poderíamos dizer que a memória seria então apenas um dispositivo do cérebro, que serviria como um depósito de recordações do que se viveu individualmente ou socialmente?

Candau (2011) nos mostra que a memória vai muito além disso, ao afirmar que:

> Teríamos dificuldade de reduzir a memória a uma simples forma de cognição, pois ela é sem dúvida a própria forma de cognição [...]. De fato, é o conjunto da personalidade de um individuo que emerge da memória [...]. Através da memória o individuo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem [...] conferindo-lhe sentido (CANDAU, 2011, p. 61).

Os fatos e episódios vivenciados, guardados na memória de cada pessoa ou povo, a medida que são compartilhados com outras pessoas ou grupos sociais, passam por um processo de reelaboração e ressignificação, pois a narrativa é influenciada pelo contexto histórico e cada sujeito tem o seu jeito particular de interpretar e narrar as suas próprias experiências sensoriais e as dos demais.

Pierre Nora, ao tratar acerca da memória, traz algumas reflexões que vem nos auxiliar no entendimento. O autor afirma que:

> A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1984, p.XIX).

Nos estudos no âmbito da filosofia e da psicologia, a memória pressupõe duas condições: a conservação ou persistência de conhecimentos passados (memória retentiva); a possibilidade de evocar, quando necessário, o conhecimento passado, ou seja, a recordação (ABBAGNANO, 2003).

Para Halbwachs (2004), a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, uma vez que as lembranças são constituídas no interior de um

grupo. Mas, a perspectiva de Halbwachs tem merecido críticas e reconsiderações. Michel Pollak (1989) avalia os desdobramentos de sua tendência e enquadra as memórias individuais em memórias coletivas, afirmando que todas as memórias são coletivas. Halbwachs mostra como o delineamento do que seria comum ao grupo produz em contrapartida as "diferenças em relação aos outros" e estabelece fronteiras sócio-culturais. A memória nacional constituiria a forma mais bem acabada e completa de memória coletiva.

Para Pollak (1989), há nessa perspectiva um risco de uniformização e opressão envolvido, pois o processo de construção da nação através da memória coletiva também pode proceder à exclusão de etnias, grupos e outras formas de identidades (p.4).

Embora não haja um consenso entre esses autores sobre os conceitos de memória individual e coletiva, percebe-se que todos eles concordam na importância da memória para a ciência histórica, apesar das críticas feitas uns aos outros. Sendo assim, a memória individual é construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, a partir de um ponto de vista acerca da memória coletiva, levando sempre em consideração o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e as relações mantidas com outros meios.

> Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo e, por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo (POLLAK, 1992, p.3.)

A memória é fruto de um processo de construção social, e tem sido objeto de disputa ao longo do tempo, sendo utilizada como um instrumento de poder por parte de determinados grupos, que se apropriam de narrativas e discursos e recriam versões históricas, na constante tentativa de imporem sua visão de mundo.

> A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na

> febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 1990, p.476).

Santos (2007), em seu artigo intitulado *História e Memória: desafios de uma relação teórica* faz um contraponto entre autores pontuando memória, história, e a necessidade de um olhar político e social de gestão do passado. Segundo o autor,

> (...) retomar as relações entre história e memória no contexto de uma historiografia atual é também, como se viu, a oportunidade de pensar memórias e histórias nas suas dimensões políticas e afetivas. Memórias individuais e coletivas são em grande medida espaços de homens e grupos se encontrarem e se portarem como sujeitos da história. Suas ações definindo o lugar que ocupam no mundo no qual estão e que, a todo o momento, lhes cria demandas políticas (SANTOS, 2007, p.94-95).

Muitas são as discussões sobre a importância da memória para a ciência histórica e os seus reais campos de estudo na atualidade. Há entre os historiadores contemporâneos um intenso debate acerca das questões que envolvem a memória e os seus usos, bem como sobre as ideias que prevalecem em determinada época, período ou recorte histórico e como essas narrativas ficam encarnadas nos indivíduos através das memórias que vão sendo fabricadas a partir de episódios vividos e que se configuram como algo significativo, memorável ou traumático. É importante lembrar ainda como um dos desenvolvimentos recentes da reflexão sobre a Memória a noção de que esta se refere não apenas ao Passado e ao Presente, mas também ao Futuro.

Os gregos, a memória e a história

Na Grécia antiga, assim como em muitas outras sociedades, a oralidade era muito valorizada. Mas, com o passar do tempo, foram percebendo que aquilo que se contava de boca em boca estava passível de exageros, omissões e até inven-

ções. Como quem contava, acrescentava suas perspectivas diante do que relatava e quem ouve sempre interpreta à sua maneira, poderíamos afirmar que a narrativa tinha e tem como intensão a construção de uma narrativa, de uma versão que possa triunfar sobre as outras. No momento em que uma narrativa era criada e se tornava aceita, várias outras eram afastadas.

Para os povos gregos, conhecidos pelas suas crenças mitológicas, o tempo era um deus monstruoso, tirano e voraz, provido de três cabeças (passado, presente, futuro), quatro asas (as estações do ano) e doze plumas (os meses). Já a memória, era representada pela deusa Mnemósine. Seu poder consistia em resgatar as lembranças e impedir que o ser humano esquecesse os acontecimentos. A perda da memória na cosmogonia grega era representada por um rio, o Lethe, cuja travessia era, por assim dizer, "letal" para o homem. A história (Clio) seria uma das nove musas do conhecimento, resultado do encontro da deusa Mnemósine com o sábio Zeus e teria o dom de fazer o homem se tornar um deus em miniatura, um imitador dos deuses, o afastando assim de suas origens.

O fato é que até os povos mais antigos já reconheciam a importância da memória e da história. Para os gregos, por exemplo, esquecer significava deixar de contar histórias. Não lembrar era o mesmo que deixar de ser humano. Descuidando-se do passado, do presente e do futuro, se tornariam um animal qualquer, desprovido de consciência. A busca das verdadeiras razões dos acontecimentos através do testemunho próprio ou alheio inscreve-se neste esforço racional - do logos em oposição ao mythos - de escrita da nossa história. (GAGNEBIN, 1997. p. 20)

Diante do baixo nível de certeza do que seria verdade, não demorou muito até que os relatos orais passassem a ser questionados pelos gregos e terem a sua credibilidade ameaçada. Fizeram então um grande esforço para se desprenderem dos mitos. Almejava-se chegar ao conhecimento efetivo da natureza, através de novos domínios, com o auxílio da filosofia e da ciência. Nessa nova fase, passava a valer aquilo que pudesse ser comprovado empiricamente por meio da observação da realidade. A veracidade das memórias contadas dependia agora dos registros escritos, que precisava ser confirmada por quem viu, e não apenas por quem ouviu.

A memória e a história como objetos de manipulação da midiática

Na arquivologia, biblioteconomia e museologia, a memória é vista como o conjunto das informações registradas pela humanidade, isto é, aos documentos

e representações que podem ser consultados, servindo de memória social ou memória de longo prazo. Essas áreas valem-se da memória no sentido de armazenagem e preservação dos saberes, para a posterior recordação por parte da sociedade.

Seja qual for a especialidade, a memória envolve dois aspectos cruciais: a linguagem e à mídia, esta última entendida como tecnologia da informação e comunicação (TIC).

Santos (2003, p.46) afirma: [...] a linguagem é uma forma de memória que nos antecede. Ela está lá, seja na nossa mente em forma de pensamento, seja organizada sob a de discursos ou textos.

Pierre Bourdieu (1965) sobre os álbuns de família, ao refletir sobre os objetos e lugares de memórias, nos oferece contribuições relevantes sobre a memória no plano micro e macro. No plano micro poderíamos mencionar: as nossas memórias familiares, os registros fotográficos dos momentos vividos em casa, na igreja, com os amigos, nos parques, Etc. No macro, poderíamos observar o esforço, por exemplo, de imposição da Memória dos estados e das nações com o uso frequente de inscrições comemorativas através dos pequenos objetos como: selos, moedas, cédulas, medalhas, bandeiras, placas e inscrições.

Sabemos que todos esses objetos de memória, obviamente, podem vir a se tornar fontes privilegiadas para os historiadores. A memória é sempre uma representação simbólica, carregada de aspectos temporais e percepções individuais e/ou coletivas, cujas nuances se explicitam através da oralidade ou da escrita, de modo que cada sociedade, em seu respectivo momento, se utiliza das tecnologias disponíveis em sua época para difundir informações e compartilhar os registros de suas ações.

Sabemos que cada período histórico é marcado por suas especificidades no que se refere ao uso dos recursos tecnológicos. Na Grécia antiga, por exemplo, não se dispunha de meios de longo alcance para se compartilhar as experiências e vivências cotidianas a nível planetário.

Diferentemente da antiguidade, na contemporaneidade a televisão e a internet passaram a atingir um público cada vez maior, na frenética disputa por mentes e corações. No século XXI, a imagem tem sido fortemente utilizada com interesse, como uma ferramenta de manipulação da memória e da história, influenciando na elaboração/reelaboração, construção/desconstrução dos processos sociais, políticos e culturais em cada país, impactando e determinando comportamentos, discursos e posturas em escala global.

A mídia tem se utilizado de vários mecanismos de manipulação da memória com o objetivo de criar um senso comum e acrítico em relação às origens dos

problemas sociais e fazer a população agir conforme os interesses de uma ideologia dominante. Utiliza-se de recursos como a distração para desviar a atenção dos problemas e mudanças importantes, explora aspectos psicológicos das pessoas e joga com seus sentimentos no intuito de vender seus produtos e idéias.

Ela tem interferido na tomada de decisões do cotidiano, influenciando desde as simples as mais importantes, como nas eleições para a escolha dos chefes de Estado, por exemplo. Padroniza valores éticos e moralmente aceitos, gostos e desgostos através das programações diárias na TV em suas novelas, jornais, filmes, séries, etc. E nos conteúdos que são vinculados na internet a cada minuto.

> Em nossa era midiática, criamos um conjunto de memórias de segunda mão. Narrativas, imagens e acontecimentos são reproduzidos e reformulados, mas também questionados e contestados, através do que lemos, ouvimos e vemos na TV, no rádio na internet e nos jornais e revistas. Por isso, atualmente, "nossa mìdia, tanto intencionalmente como à revelia, é instrumento para articulação da memória" (SILVERSTONE, 2005, p. 234)

Lembrando Lévy (1998), as redes de comunicação e as memórias digitais incorporarão a maioria das representações e mensagens produzidas no planeta, graças às quais teríamos boas novidades no mundo virtual, mas também apagamentos de memórias.

Jacques Le Goff (1990) ao discorrer sobre as memórias coletivas, afirma que a História sofreria a contaminação destas e cada vez mais, à medida que adentramos a nova era dos desenvolvimentos midiáticos e da globalização:

> [...] toda a evolução do mundo contemporâneo, sob a pressão da história imediata em grande parte fabricada ao acaso pelo media, caminha em direção a um mundo acrescido de memórias coletivas e a história estaria, muito mais que antes ou recentemente, sob pressão dessas memórias coletivas (LE GOFF, 1990, p.473).

O fato é que a mídia costuma criar situações prevendo reações das pessoas e depois oferece soluções, aplicando de modo gradual medidas que seriam inaceitáveis. A exemplo disso podemos citar fatos recentes como o processo de impeachment da presidente eleita democraticamente Dilma Rousseff em 2016 e a prisão do Ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, até o momento sem provas materiais, em abril de 2018, cujo pano de fundo são os retrocessos dos direitos, o

desmantelamento do Estado e dos serviços públicos e o extermínio de qualquer projeto que passe pelas vias democráticas.

Nesse sentido, Thompson afirma que a mídia desempenha um importante papel no andamento dos acontecimentos e nas nossas experiências mediadas.

> A mídia se envolve ativamente na construção do mundo social. Ao levar as imagens e as informações para indivíduos situados nos mais distantes contextos, a mídia modela e influencia o curso dos acontecimentos, cria acontecimentos que poderiam não ter existido em sua ausência (THOMPSON, 2008, p.106).

O constante apelo feito pelo fascismo através dos discursos de ódio, da intolerância e da aclamação pelo retorno da ditadura militar no Brasil e o avanço do conservadorismo em diversos países no século XXI, demonstram a ameaça iminente do retorno de experiências memoráveis sombrias que parecem sempre encontrar um espaço nas mídias sociais, impressas e digitais, evidenciando a permanente disputa da memória social e cultural e o poder que a mídia possui de fabricar ou distorcer fatos históricos.

O historiador britânico Peter Burke, uma vez nos disse que "a função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer". As vezes ela nem quer esquecer, mas é levada a isso. O papel do historiador é, portanto, é não permitir que seja esquecido aquilo que deve ser lembrado e assegurar que seja lembrado aquilo que se esforçam para que seja esquecido.

Nesse constante duelo entre presente e passado, memória e esquecimento, o historiador, que também é influenciando pelos apelos feitos pelas mídias no que tange a disputa de suas memórias e de seu país, muitas vezes acaba sendo contaminado por Fake News, deixando de fazer estudos e registros de memórias de determinados períodos, o que afeta diretamente a história do presente.

No Brasil, historicamente a mídia tem sido instrumento de controle ideológico e desempenhado o papel de agência representativa da elite dominante. Os meios de comunicação sempre estiveram sob seu domínio. A agenda nacional de debates é definida por um grupo pequeno de empresários e políticos que monopolizam os diversos meios de comunicação. É pelos meios de comunicação como a TV, o rádio, os jornais e as revistas que se dá o processo de construção de consenso.

A criminalização dos movimentos sociais tem sido uma tradição da burguesia, estendendo-se a toda atividade autônoma das classes populares de caráter reivindicativo ou que se configure como conflito social É muito comum

nas coberturas jornalísticas, feitas por determinadas emissoras, as manifestações serem associadas à baderna, arruaça e vandalismo, numa tentativa constante de deslegitimar as lutas históricas desses movimentos.

Segundo Kucinski (1990),

> (...) Cabe à imprensa, assim como a escola e à Igreja, a tarefa de garantir a continuidade (ou seja, as condições de reprodução) do sistema de dominação, ao lado dos instrumentos coercitivos do Estado. (...) indo além da mera manipulação da informação, funcionando quase como um partido da burguesia na definição das alternativas. (KUCINSKI, 1990. p.41)

Percebe-se uma narrativa historiográfica tendenciosa, na qual a classe dominante protagoniza todos os processos históricos e de mudanças, na qual a participação dos trabalhadores no processo histórico é menosprezada, suprimida ou negada. Tem sido assim na mídia e também nos livros que didáticos. Uma história escrita pela elite para si mesma. Uma produção de extremo silêncio, que oculta e sufoca a existência do protagonismo das classes populares. É nítido o empenho em negligenciar a história dos trabalhadores e suas memórias de lutas coletivas, entregando-as ao esquecimento. A história de homens e mulheres, negros, indígenas, estudantes, professores e tantas outras pessoas comuns que se lutaram contra as injustiças sociais e por direitos, que morreram lutando por ideais e utopias, e que foram protagonistas em muitos processos sociais.

Nas palavras de Goettert (2014):

> O poder de escrever a história e de reproduzi-la sempre esteve nas mãos das classes dominantes. Mesmo assim, muitas mulheres e homens trabalhadores e trabalhadoras ou solidários a eles, resistiram e construíram movimentos de contestação, de revolta, de resistência e de lutas frente à dominação, à exploração e ao silêncio de suas vozes. (p.15)

A luta dos movimentos sociais pelo direito de existir enquanto sujeitos autônomos e históricos têm sido constante. A disputa por uma narrativa capaz de desconstruir no imaginário popular e no senso comum a ideia preconceituosa que se tem dos grupos que lutam por um mundo melhor precisa ser valorizada, reconhecendo-se o protagonismo nesse processo. A história precisa ser contada horizontalmente, sem cair no velho maniqueísmo tão frequente da literatura brasileira de omissão, negação e distorção.

O ensino de história: memória, mídia e tolerância

Durante muito tempo o estudo da disciplina de história nas escolas, no Brasil e no mundo, esteve baseado na memorização sem nenhuma reflexão acerca de datas, eventos, lugares e personagens, exigindo dos estudantes que estes decorassem os assuntos estudados sem questionarem o porquê dos acontecimentos, o que fez com que a História passasse a ser vista por muitos como uma "matéria decorativa." Isso causou no imaginário popular a falsa idéia de que tal disciplina não tinha importância social. A memória que muitos guardam das aulas de história não é das melhores. Mas, no meio de todas as memórias produzidas, graças aos historiadores, há espaços e produções que nos permitem ter contato com diversas experiências históricas sobre o ensino e a história da disciplina ao longo do tempo.

A História, ao contrário do que muitos podem pensar não é feita apenas por grandes ícones, figuras ilustres ou pela elite. Embora durante muito tempo tenha sido essa a história registrada nos livros e reproduzida por gerações, acreditamos que a história pode ser feita nas ruas, na mídia, nos museus, nas galerias, nos arquivos, nas escolas, nas bibliotecas, enfim, em todos os espaços da vida, com a participação das pessoas, na esfera pública.

Não podemos desconsiderar que as mídias digitais e a internet trouxeram mudanças substanciais em todas as esferas da vida humana, inclusive a escola e sua produção curricular. As relações humanas, no ambiente familiar e escolar foram fortemente impactadas com o uso das redes sociais por um público cada vez mais precoce. A escola é um lugar onde devemos aprender a respeitar e a valorizar as diferenças. As aulas de história podem e devem ser um espaço para desconstrução de preconceitos e de discursos intolerantes à medida que possibilita o contato com versões diferentes sobre um mesmo acontecimento e propõe o debate reflexivo acerca de novas possibilidades de encarar como os processos se dão.

Nas aulas de história, bem como nas demais disciplinas, é possível repensar o impacto das tecnologias nas novas gerações e nas formas de se comunicar, sem deixar de lado valores como a tolerância e o respeito. Precisamos encontrar os caminhos de entendimento para a construção de paradigmas éticos, seja no mundo real ou virtual, reforçando a necessidade de aceitação ao outro, no respeito as suas memórias e ao que ele pensa.

> No mundo online, convergem práticas sociais distintas: informação e entretenimento; trabalho e lazer; local e global; público e

> privado; discurso do ódio e discurso respeitoso das diferentes posições. Nessa convergência, faz-se necessário e urgente formar jovens capazes de ler criticamente as mensagens encontradas nas mídias sociais, não somente as que são apresentadas em texto escrito, mas também em audiovisual, imagem, música, animação ou hipertexto. As novas gerações demandam o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico, exercendo habilidades de produção criativa, mas sempre com respeito à opinião dos demais (DANIELS, 2008; JENKINS, 2009)

. O exercício da tolerância em sala de aula surge, então, como resposta contra a ignorância, a intolerância e o discurso do ódio à diferença. Sendo assim, é fundamental que ao tratarmos de tolerância, pensemos na natureza, nas causas e nas consequências da intolerância e dos discursos de ódio.

Considerações finais

Os estudos realizados ao longo de séculos sobre memória, parecem apontar para um interesse frequente de determinados grupos em manipular os fatos e acontecimentos históricos de cada época, de maneira intencional ou inconsciente. Seja na Grécia antiga, na Roma medieval ou na atualidade, os esforços em construir narrativas, muitas vezes tendenciosas são perceptíveis.

A oralidade, a escrita e as imagens são capazes de interferir significativamente no campo das memórias e na história como ela se apresenta, através do discurso utilizado. Heróis são consagrados, exaltados e esquecidos; vilões são imortalizados, temidos, amados e podem até ser transformados em heróis. Tudo depende de como a narrativa é construída e propagada.

Ao longo de seu processo evolutivo, com mais intensidade nas primeiras décadas do século XXI, a mídia tem explorado de todas as maneiras possíveis o emocional e o psicológico dos indivíduos e disputado cada vez mais o espaço em suas vidas e memórias. Tudo que se vive agora é gravado num dispositivo eletrônico que pode ser acessado ou perdido facilmente.

Na última década do século XX, tínhamos guardados na memória quase todos os contatos telefônicos dos (as) amigos (as) e familiares. Hoje já não sabemos mais os números dos telefones de ninguém. A velha agenda de contatos telefônicos ficou obsoleta. Não lembramos mais as datas de aniversário dos que nos são caros, nem precisamos disso, o Facebook se encarrega de nos lembrar.

O fato é que cotidianamente somos bombardeados com notícias e informações que circulam pelas mídias, e nem todas são confiáveis. Precisamos desenvolver o hábito de questionar o porquê de tudo que acessamos nessas mídias. Existe sempre uma intenção de quem divulga e o objetivo pode ser ou não alcançado, dependendo da forma como nos apropriamos e do tratamento que damos a isso. Ela faz a memória natural parecer sem importância diante das possibilidades de se arquivar memórias artificialmente. Mas, o que está em jogo é a disputa dessa memória que pra muitos parece descartável quando está longe de sê-lo.

Os meios de comunicação social influenciam na nossa memória individual, bem como ajudam a moldar o que entendemos por memória coletiva. É necessário compreendermos o papel da tecnologia no processo de formação das memórias sociais, desde o tempo de Platão até a atualidade. Se pararmos para pensar nossas lembranças não são exatamente nossas, mas são constituídas no interior de um grupo social no qual participamos, a memória coletiva atual certamente se passa de forma significativa pelos meios de comunicação social.

Não se trata de negar o papel social das mídias, encarando-a como algo completamente nocivo. Apesar de possuir múltiplas facetas, é inegável a sua contribuição no que se refere ao seu caráter educativo, denunciador e informativo. Trata-se de refletir conscientemente sobre os seus usos, suas tendências e os impactos provocados na memória coletiva de uma determinada sociedade.

RECEBIDO em 15 de junho de 2020
APROVADO em 14 de agosto de 2020

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Atualizado e aumentado por Giovanni Fornero. 4ª ed. México: FCE. 2004

BOURDIEU, Pierre. **Um art moyen. Essai sur** lês **usages sociaux de La photographie**. Paris :Minui, 1965.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011

CHELIKANI, Rao U.B.J. **Reflexões sobre a tolerância.** Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

GAGNEBIN, J.M. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história.** Rio de

Janeiro: Imago, 1997.

GOETTERT, J. D. **"O vôo das pandorgas": migração sulista para Rondonópolis** - MT. Dissertação de Mestrado. Presidente Prudente - SP: FCT/UNESP, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004

KUCINSKI, Bernardo. **Mídia e tolerância: A ciência construindo caminhos de liberdade**. São Paulo: USP, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

NORA, Pierre. « **Entre mémoire et histoire : la problematique des lieux** ». In GERON, Charles-Robert. (org). Le lieux de mémoire. Paris: Gallimard, 1984. V.2. La Nation

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Ed. Vértice, n.3, p.3-15, 1989.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **História e memória. Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 46, p. 271-295, 2003.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2005.

THOMPSON, John. **Mídia e modernidade**. São Paulo: Vozes, 2009.

Sites: https://gvcult.blogosfera.uol.com.br/2017/09/19/a-literatura-e-o-conceito-de-memoria-i/. Acesso em 27/03/2018

https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencias-sociais/memoria-individual-e-coletiva . Acesso em 30/03/2018